



JUNTOS PELO FIM DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

Cazenguinha

Jornal Quinzenal - Edição n.º 04 Ano 1 - Distribuição Gratuita

A Campanha Juntos Pelo Fim da Violência Doméstica busca envolver homens e mulheres em um esforço para:

- Questionar as desigualdades existentes entre homens e mulheres na família e na sociedade;
- Incentivar o diálogo dentro das famílias;
- Prevenir a violência doméstica.

A mensagem central da campanha é que **juntos**, todos os angolanos e angolanas podem resolver os problemas e conflitos familiares através do diálogo e do respeito, sem recorrer à qualquer tipo de violência, seja ela física, sexual, psicológica ou económica.



NOSSA CAMPANHA PROMOVENDO MUDANÇAS

Somos felizes
porque
partilhamos!



FIGURA DO CAZENGA
OS THREE B DANÇANDO
CONTRA A VIOLÊNCIA

ENTREVISTA

Nelson Pedro Antonio
Director do FOJASSIDA





Editorial

Caras leitoras e caros leitores,

A Campanha Juntos Pelo Fim da violência Doméstica está caminhando para o seu terceiro mês e o reconhecimento das pessoas pelas actividades que temos vindo a realizar e material desenvolvido é um motivo para continuarmos a trabalhar sobre este tema.

Entendemos que ainda existe muito a ser feito, por isso apelamos a toda a comunidade cazenguista a se juntar a nós, nessa tentativa de influenciar comportamentos e atitudes e reduzir práticas nocivas.

Vamos continuar a falar, nesta edição, da violência Doméstica e de como ela está tão presente na vivência das nossas famílias, nas suas mais variadas formas de manifestação.

Apesar da ideia de que fomos educados na base do chicote e que a porrada é uma ferramenta essencial no processo de educação e correcção, está cada vez mais claro que o uso da violência cria sociedades deformadas e isso abre um terreno fértil para falar da violência como um mal que afecta a família inteira, na verdade, numa família onde há violência todos são afectados. Esta constatação nos anima a arregaçar as mangas e trabalhar para expulsar a violência doméstica do Cazenga. Vocês alinham?

Ficha Técnica

Propriedade:
Projecto Respond / EH.

Paginação:
André Suamino

Redacção:
Analtina A. Guimarães
Aoaní d'Alva

Tiragem:
6000 Exemplos

Revisão:
Daniel Lima; Delma
Monteiro; Fábio Verani

Impressão:
EAL
Edições de Angola Lda.

Fala Então!

Nesta edição os activistas da campanha deram a sua opinião sobre as formas de manifestação da violência doméstica.

MARIA MENDES: Homens e mulheres são atingidos pela violência doméstica de maneira diferente. São múltiplas as formas de manifestação da violência: gritar de forma a amedrontar a parceira/o e/ou filhas/os, chamar nomes ofensivos, agressões físicas, ameaçar, maltratar e coagir.



BRUNO MENGA: Os pontos que aponto como manifestação de violência doméstica é o sentimento de posse em relação a mulher e aos filhos, discussões, violência na educação dos filhos e divergências quanto a distribuição de tarefas.

ELOÍNA DOS SANTOS: A violência doméstica manifesta-se quando se faz críticas negativas excessivas ao/a parceiro/a, humilhando em público ou em privado, gritando de forma a transmitir medo, forçando relações sexuais contra a vontade da parceira, restringindo a vítima à convivência com a família e ou amigos.



SANDJINGA MPOYO: A violência doméstica manifesta-se por maus tratos ao nosso parceiro, filhos, irmãos e pais. Por privar ou excluir alguém do seu meio social, por inferiorizar e insultar constantemente e por diferenciar as tarefas alegando questões naturais e biológicas.



FLAVIA DIKIZEKO: Violência Doméstica se manifesta por acções que magoam as pessoas. Elas podem ser palavras, agressões físicas, injustiças, humilhação, desrespeito, as ofensas, os insultos... Existem vários tipos de violência doméstica, sendo violência física, sexual, psicológica, verbal, o abandono familiar e patrimonial.



FILIFE PAULINO: A violência doméstica se manifesta de várias formas. A mais conhecida é a violência física, quando se agride o companheiro, por exemplo. Existe também a violência psicológica, que se manifesta através de atribuição de nomes ofensivos e humilhação. Quando existe a violência a família fica desestruturada e não há paz.



Nossa Campanha

Nesta quarta edição o Cazenguinha foi para a rua ouvir o que os leitores e leitoras do Cazenga pensam em relação a campanha Juntos pelo Fim da Violência Doméstica e as mudanças que têm ocorrido nas suas vidas por causa dela. A cabeleireira Inês Bibiano falou enquanto tratava o cabelo de uma cliente. “Achei interessante o tema e sinto que tem a ver comigo, com a minha realidade. Há muitos homens machistas que acham que só a mulher é que deve fazer tudo em casa, por exemplo. Mas já por intermédio da banda desenhada e deste jornal vimos que podemos partilhar. Gostei muito da iniciativa desta campanha”, contou a moça.

Segundo a cabeleireira, desde que começou a ler os materiais da campanha, a sua maneira de falar com os meus irmãos mudou, pois aprendeu que por intermédio de “palavras feias”, pode-se magoar as pessoas. “Desde que eu levei o jornal para a minha casa e a minha família começou a ler houve mudanças porque eles são todos rapazes e achavam que só as meninas é que deviam fazer o trabalho doméstico, mas quando o meu pai leu o jornal e a banda desenhada (felizmente o meu pai não perde nenhuma edição) fez algumas alterações na divisão de tarefas em casa” conta.

“Agora sinto que na minha casa, graças a esta campanha as tarefas são partilhadas e estou menos sobrecarregada”, acrescentou.

Já Domingas Paulo, outra moradora do Cazenga considerou a campanha como algo positivo e revelou que desde que leu o primeiro Cazenguinha e a primeira Banda Desenhada, aprendeu muita coisa boa. A jovem explica que com base nos textos



que tem lido, foi repensando a sua forma de ver as coisas e analisando os casos que tem presenciado.

“Há um casal que vive no mesmo quintal que eu e tem alguns comportamentos negativos. O marido tem maltratado a mulher, trata-a como uma escrava e as vezes toca-lhe na cara. Logo que me deparei com o jornal fui e entreguei a mulher, ela quis também que o marido lesse e como era mesmo a minha intenção então dei um para ele. Ele disse que era algo interessante e que parece que o jornal ou a banda desenhada falava dele. Eu respondi que se ele se identifica é porque tem agido de forma negativa com a sua mulher”, revelou Paula, comentando sobre mudanças de comportamento por influência da campanha.

Na sua ronda pelas ruas do município a equipa de reportagem do Cazenguinha pode perceber também que o material tem sido bem recebido pelo público em geral, com pessoas a colecionarem os materiais, a pedirem novos números do jornal e a comentarem com interesse a história da Família Nzangi.

O Cazenguinha tentou ouvir

alguns homens, mas eles mostraram-se pouco disponíveis. O único que aceitou, foi Augusto Joaquim que nos informou que apesar de achar a ideia da campanha muito interessante, ainda não tinha observado nenhuma mudança no seu comportamento, nem no comportamento das pessoas a seu redor.

Calendário

Mês de Junho

Dia 07

Palestra

Local e hora: Centro Medico da Paz/ 09h00

Dia 08

Mesa Redonda

Local e hora: IEBA/10h30

Dia 10

Motivação

Local e hora: Centro Medico da Paz/ 09h00

Dia 11

Peça de Teatro

Local e hora: IEBA/10H30

Actualidade

Supostos meliantes mortos

Dois indivíduos foram mortos na madrugada do dia 31, no Bairro 11 de Novembro, de frente ao colégio “Olhos no Futuro”. Segundo os moradores, os indivíduos eram delinquentes e haviam guardado no parque do Colégio uma viatura Mitsubishi roubada, que já está a ser procurada pela Polícia. Por volta das 03h30, quando regressaram para buscar a referida viatura, foram surpreendidos pela polícia e deu-se início a um tiroteio que durou cerca de 30min e resultou na morte de dois dos supostos delinquentes. Um dos mortos foi reconhecido como bate-chapas e morador do bairro da Mabor, na comuna Cazenga Popular. Os moradores afirmam ainda que seriam mais de 3 elementos. Segundo o Comandante da 14ª Esquadra, o caso está a ser investigado e a polícia nada tinha a declarar.

Carro incendiado

Na madrugada de segunda-feira, 27 de Maio, um carro incendiou-se no quintal de Raul Gomes, mecânico encarregue da reparação da viatura que foi deixada sob a sua responsabilidade pelo proprietário, Cesar Guilherme, ex-morador do bairro e residente actualmente no município de Cacuaco.

As causas do incêndio permanecem desconhecidas, assim como o seu autor. Até ao momento do fecho desta edição, não havia sido indicado nenhum suspeito. Contactados pelo Cazenguinha, tanto o proprietário da viatura danificada quanto o mecânico por ela responsável, alegaram que não têm nenhum problema e nem inimigos conhecidos que lhe quisessem prejudicar. Ambos continuam a aguardar o resultado das investigações.



Figuras do Cazenga

OS THREE B



A história do trio começou em 2009 quando participaram de um desafio de dança, onde encontraram afinidades e resolveram formar um grupo de dança. Maxi, Fernando e Renné, juntaram-se e “porque elas diziam” que eles eram bonitos, escolheram o nome Three B,

Três B(onitos). Diante dos desafios que têm encontrado, os três são unânimes em dizer que a dança precisa de mais patrocínios e apoios, como forma de incentivo. Para eles, a dança é, por enquanto, uma actividade extra de diversão, já que Fernando trabalha como canalizador, enquan-

to Maxi e Renné estão a terminar os estudos secundários.

Para os dançarinos, a violência doméstica é “um problema universal”, que pode ser resolvido “ouvindo mais os conselhos e conversando mais”, já que “a base de tudo é o diálogo com o companheiro”. Segundo os jovens, é frequente assistir-se a situações de “agressão física ou psicológica entre casais”, no Cazenga. Apesar do ditado “entre marido e mulher, não se mete a colher”, eles afirmam que sempre que podem interferem “para evitar que as coisas piorem”.

“Evitem os ciúmes, não batam e oiçam mais as mulheres”, foi o conselho dado pelo grupo para os jovens do Cazenga.

Contos da Minha Banda

Insónia

Mingota não dormiu naquela noite. Preocupada, passou o tempo todo a pensar em como iria alimentar os filhos no dia seguinte. Lutumbo, o ex-marido, não dava nenhuma ajuda para os miúdos e agora que ela estava desempregada, não tinha onde ir buscar sustento para os filhos. Para piorar as coisas, o negócio de gasosa que fazia estava fraco, devido ao início do cacimbo.

Mingota decidiu separar-se do marido há quase dois anos, porque não aguentava mais as surras que levava e a contribuição do marido para o sustento dos filhos deixou de vir por volta do terceiro mês de distância, quando ele percebeu que ela não ia voltar atrás na decisão de se divorciar. No início ia sempre a casa dela de noite e como ela não o deixava entrar, chamava-lhe nomes ordinários. Depois passou a difamá-la dizendo que era bandida e que dormia com vários homens para conseguir dinheiro. Sempre que se encontravam em algum lugar, ele fazia confusão e ela sentia-se desconfortável e se retirava. Esta situação piorou, se tornan-

do numa rotina desagradável e violenta. Para evitar, Mingota deixou de frequentar os espaços onde podia correr o risco de se encontrar com ele, ficando cada vez mais isolada e distante dos amigos e familiares.

Naquela manhã de sábado, a preocupação com os filhos sobrepôs-se a todos os medos, dores e raivas que ela pudesse sentir e decidiu procurar Lutumbo. Não tinha dinheiro sequer para o candongueiro e caminhou cerca de uma hora e meia até a casa dos pais de Lutumbo, lugar onde ele passou a fazer as refeições depois da separação. Encontrou-o a beber na barraca do outro lado da rua, rodeado de amigos.

Assim que a viu, Lutumbo começou a insultá-la aos berros. Ela tentou fazer com que ele se acalmasse para que pudessem conversar, mas não conseguiu.



A solução foi deixar a rua inteira saber que os filhos estavam a passar fome e que o pai não dava ajuda nenhuma há mais de um ano e seis meses, já que preferia gastar o dinheiro na bebida. Mas isso não o incomodou. Lutumbo apenas respondeu “Você é que quis a separação. Não querias ser solteira? Agora aguenta!...”.

Desolada, Mingota voltou a caminhar de volta para casa, dessa vez mais devagar, como se buscando uma solução no tempo. O seu pensamento era: Como enfeitarei mais este dia? Que darei para meus filhos hoje? Lágrimas de desespero escorriam timidamente do canto do olho...

Reflexão

Quantas Mingotas conhecemos no nosso bairro, família ou grupo de amigos? Provavelmente muitas. E quantos Lutumbos? Estes, quase não são notados. Continuam a receber palmadinhas nas costas e estar rodeados de amigos...

Quando um casal se separa, não deixam de ser pai nem mãe e devem partilhar as responsabilidades de sustentar, educar, dar moradia, cuidado diário, acompanhamento médico, tempo e dedicação para seus filhos. E mais, quando um pai ou uma mãe deixa de assistir o seu filho está a cometer o crime de violência doméstica, do tipo abandono familiar.

É bem verdade que em situação de separação do casal, a maioria das mães preferem ficar com os filhos mesmo sabendo que a contribuição, presença e acompanhamento da parte do pai poderá ser insuficiente, mas será que os pais estariam dispostos a inverter esse papel? É uma responsabilidade muito grande, que a maioria dos homens separados dizem não estar “preparados” para assumir mas, as mães, preparadas ou não, acabam sempre assumindo. Imaginemos que elas, as Mingotas, também alegam-se que não estão preparadas para tomar contas dos filhos, o que seria deles? A paternidade e maternidade implica responsabilidade, e esta não terminar com a separação dos pais.

Nelson Pedro Antonio**Director Geral do FOJASSIDA****– Fórum Juvenil de Apoio à Saúde e Prevenção do SIDA**

Sendo o FOJASSIDA uma organização que tem como foco o VIH/SIDA porque decidiu trabalhar questões de género?

Em Angola, a transmissão do VIH é causada em primeiro lugar, pelas relações sexuais não protegidas. Entendendo que género é um conjunto de características determinadas pela sociedade, que identificam os papéis e os comportamentos do homem e da mulher, o FOJASSIDA decidiu trabalhar questões de género porque percebemos que muitas mulheres não têm capacidade de negociar sexo seguro, porque socialmente está determinada que elas devem obedecer os seus parceiros e isso é uma questão de género. Há uma tendência de se criar discussões a volta da questão “quem transmitiu o Vírus ao parceiro (a), mas a verdade é que basta um dos dois estar infectado para transmitir a outra pessoa por isso é importante que ambos tenham capacidade de negociar e decidir sobre a sua vida sexual.

Existem muitos casos de infecção decorrente da violação sexual ou outro tipo de violência?

Em Angola não existem estudos que confirmam esta possibilidade, contudo, a violação sexual é um problema complexo de saúde pública. Apesar de desconhecida a verdadeira incidência dos crimes sexuais, é um fenómeno que atinge mulheres de vários extractos sociais, geralmente em espaços privados (nos domicílios) e em qualquer etapa da vida, sem serem denunciados.

Na comunidade do Cazenga, a violação sexual notabilizam-se pelo número de ocorrência onde ocorrem traumatismos físicos, genitais ou extragenitais, que assumem gravidade alarmante para as vítimas, particularmente as crianças. Tudo ocorre por causa do abuso do poder masculino e na maioria das vezes por familiares ou pessoas muito próximas.

As questões culturais e o medo das mulheres denunciarem facilitam a propagação dos casos de violação sexual e muitas mulheres são infectadas por ITS e VIH, para além dos danos físicos e emocionais.



Que tipo de violência Doméstica as Pessoas Vivendo com VIH/SIDA sofrem mais frequentemente?

Relatos feitos por Pessoas Vivendo com VIH/SIDA durante os encontros do Grupo de Ajuda Mútua a nível do FOJASSIDA apontam a existência de violência doméstica manifestando-se através de comportamentos depreciativos para com a esposa/o ou parceira/o, ataques verbais persistentes contra a sua auto-estima, a limitação ou proibição do seu relacionamento com familiares e amigos. Ou seja Violência verbal, psicológica e isolamento. As acusações repetidas de infidelidade e de culpabilidade, conjuntamente com agressões contra a sua integridade física e a dos seus filhos, que se verificam nas famílias, para além de violência doméstica constituem uma violação explícita dos direitos humanos.

Como o FOJASSIDA presta apoio as pessoas Sero+ que são vítimas de Violência Doméstica?

Geralmente, o FOJASSIDA incentiva as práticas de denúncias, apoiando-se na LEI 0/04 – Lei do VIH/SIDA, responsabilizando os autores pelos actos cometidos. As denúncias são feitas por via radiofónica, polícia e em conferências sobre os Direitos dos Seropositivos. Além disso mantemos um Grupo de Ajuda Mutua onde buscamos, com apoio de alguns parceiros, algumas soluções para os problemas apresentados pelos integrantes do grupo.

Que conselho deixa às vítimas de violência sexual?

Todas as pessoas vítimas da violência sexual devem procurar o quanto antes apoio médico para fazer um tratamento preventivo contra as ITS, VIH ou mesmo uma gravidez indesejada. É importante ainda que procurem apoio psicológico e denunciem o agressor.

JOÃO E ZINHA RESPONDEM

Olá leitores e leitoras do Cazenguinha! Muito obrigada pelas mensagens. Já sabem se não virem as vossas resposta neste espaço corram para a nossa página do Facebook, onde vocês são todos muito bem-vindos.

Como podemos ajudar as crianças vítimas de violência Doméstica? (ANÓNIMO)

Existem várias formas de ajudar as crianças vítimas de violência doméstica. Citaremos aqui algumas: Abordar educadamente o agressor e informa-lo que sua prática é um crime punido por lei; Divulgar informação sobre as violências sofridas pelas crianças na família, escolas e outros locais, suas consequências bem como sobre o tipo de acompanhamento que a criança precisará ter para superar os danos da violência sofrida; Sensibilizar as pessoas no sentido de perceberem que existe uma forte relação de poder em situações de violência e como as crianças não têm poder algum em relação aos pais, professores e outros adultos tendem a ser vítimas com frequência; Prestar socorro ou orientar alguém para o efeito em situações de agressões graves; Adotar atitudes preventivas e intervir para evitar agressões contra as crianças;

O meu namorado diz que as minhas amigas são más companhias e quando saio para me divertir com elas ele me bate. Devo deixar de sair com as minhas amigas? (ROSALINA)

O que deves ponderar é se vale a pena continuar com este namoro pouco saudável e violento. Se no namoro ele se sente teu “dono” ao ponto de determinar com quem te relacionas imagina se chegarem a constituir uma família... os teus pais, irmã, irmãos, primas e primos também serão más companhias para você e ficarás cada vez mais isolada, debaixo do controle dele e a sofrer todo tipo de violência. Você melhor que ninguém sabe o porquê que queres estar com as tuas amigas e se são ou não boas companhias quem deve decidir isso é você. Te aconselhamos a cortar imediatamente as atitudes de controlo e violência física que tens sofrido da parte do teu namorado ou a terminar essa relação que com certeza, do jeito que está, não dará bons frutos.

Dei um soco no meu pai

porque ele estava a bater na minha mãe e tirei-lhe um dente. Agi bem? (MATEUS)

Amigo Mateus, entendemos que a tua atitude foi no sentido de defender a tua mãe, mas não agiste bem. A violência não tem justificativa e nunca é uma boa opção. Poderias ter intervindo segurando nele, afastando a tua mãe daquele espaço ou mesmo chamando alguém para ajudar a controlar a situação sem bateres no teu pai. O teu pai, apesar de ter cometido um erro grave, agora deve estar revoltado contigo pelo facto de teres levantado a mão pra ele e mesmo a tua mãe, deve estar a pensar que de alguma forma ela errou na tua educação já que bateste no teu pai. Enfim, sentimentos de revolta e mágoa podem facilmente gerar novas situações de violência física.



Envie sua pergunta sobre relacionamentos, namoro, casamento, família, igualdade de género e violência doméstica para ser respondida aqui!

E-mail: campanhajuntos@gmail.com;

Facebook “Campanha Juntos Pelo Fim da Violência Doméstica”

Telefone: 946 779 349

Passatempo



Canta conosco

AMOR AO PRÓXIMO

Letra e música:
Analtina Guimarães e Agostinho Pinto

É tão triste, parece
 que não vemos que há gente
 sofrendo,sofrendo
 crianças chorando
 sem amor e sem ao menos
 afeto, afeto

Refrão
E ai eu me pergunto
onde está o nosso amor ao próximo
o nosso amor ao próximo
(2x)

O sol nasce e se põe
 manhãs e noites se sucedem
 e ninguém desperta
 para a mudança

a insensibilidade
 tomou conta de nós.
 tiremos a venda dos olhos

Refrão
E ai eu me pergunto
onde está o nosso amor ao próximo
o nosso amor ao próximo
(2x)

Há tantas injurias
 tanta falsidade
 em meus e seus olhos, seus olhos
 sejamos sinceros e originais
 cultivemos o amor o amor
 o amor, o amor, o amor

